



ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTE DE QUILOMBO RIO DOS MACACOS
CNPJ: 15.327.859/0001-87. Comunidade Remanescente do Quilombo Rio dos Macacos, s/n, Aratu, Simões Filho – BA. Cep.: 43-700-000.
Telefones: (71) 98361-6940/98777-6178/98184-0193/ 99201-2563.
Email: qriodosmacacos@gmail.com

Simões – filho/BA. 11, de maio de 2023

AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA: LUÍZ INÁCIO LULA DA SILVA
C/C: AO GOVERNADOR DA BAHIA: JERÔNIMO RODRIGUES

REF: SITUAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DOS MACACOS

Somos uma comunidade quilombola que luta para ter o direito a terra e o uso compartilhado do nosso rio. Temos mais de 200 anos em cima dessa terra pela qual há mais de 50 anos viemos sendo torturados pela Marinha de Guerra do Brasil. Já nos proibiram de estudar, de plantar e termos a nossa liberdade de vida.

SITUAÇÕES ATUAIS:

A comunidade Quilombola Rio dos Macacos atualmente vem enfrentando diversas dificuldades, como a falta de políticas públicas: saneamento básico, estrada, moradia, educação, iluminação pública, e água encanada/potável.

ESTRADAS, EDUCAÇÃO E RIO:

Nosso único acesso é por dentro da Vila Naval da Barragem, acesso esse que sofremos diversos tipos de violências cotidianamente. Após passarmos pela Vila, pegamos uma estrada que não possui nenhum tipo de pavimentação, em períodos chuvosos enfrentamos muita lama, ao qual muitas vezes não conseguimos nem prestar um socorro. Perdemos diversas pessoas por falta de acesso ao território, inclusive nem a própria SAMU pode entrar na comunidade pela falta das vias de acesso. Quando pessoas passam mal, tem que andar a pé aproximadamente 3,5KM até a portaria principal. Através disso a comunidade já perdeu e continua perdendo diversas vidas. Mulheres já deram à luz no meio da lama e em algumas ocasiões a criança caiu e quebrou o pescoço. O transporte escolar não vem buscar as crianças dentro do território e por isso elas tem que andar aproximadamente 7KM até a escola, todos os dias. Necessitamos da construção

Recebido em 11/05/2023

de uma escola quilombola em nosso território, temos diversos moradores (jovens e adultos) que ainda são analfabetos.

Com a invasão da Marinha em nosso território (invasão esta que expulsou diversas famílias), foi construída a Vila Naval, dividindo assim o nosso território em duas partes (Gleba 1 e Gleba 2), na Gleba 2 a saída fica próxima a um terreiro de candomblé (terreiro de Rafael), já na Gleba 1 fica próximo à ponte que divide Salvador/Simões Filho. No fundo do nosso território existe outra estrada, de uma comunidade vizinha, conhecida como estrada do Areal que dá acesso a outra parte do nosso território e necessita ser asfaltada. Esta estrada do Areal que é de competência da Prefeitura de Simões Filho, mas a mesma se recusa a fazer, negociando as nossas vidas com o comandante da Marinha do Brasil.

Precisamos urgentemente da construção das nossas vias de acesso independentes, o Governo Estadual deu início as obras através de uma empresa terceira que está muito lenta, ocorre diversos atrasos e coisas mal feitas. A obra tinha previsão de término em 07 meses, já estamos no 06º e a primeira saída (Gleba 1) não está nem 40% concluída. Já a da Gleba 2 nem foi iniciado ainda, a Marinha está impossibilitando, colocando sob chantagem a construção do muro, muro este que retira todos os rios e fontes do nosso território.

Este muro afetará diretamente em nossas vidas, retirando nosso acesso as margens do nosso rio, afetando também os nossos ancestrais, muitos do nosso povo é de matrizes africanas e realizamos nossas oferendas às margens desse rio, praticamos também a pesca de peixes que é ligada diretamente a soberania alimentar em nosso território. Este muro significa a MORTE do nosso povo quilombola.

MORADIAS, SAÚDE E POLÍTICAS PÚBLICAS:

As moradias da comunidade não possuem nenhum tipo de estrutura, algumas já desabaram e as outras estão prestes a isso, muitas sem banheiro e em algumas moram 10 a 15 pessoas em apenas um cômodo. Conseguimos ser aprovados no programa Minha Casa Minha Vida, assinamos todos os documentos e ao final disso não conseguimos a efetivação e construção das obras pela falta das vias de acesso e também as inúmeras chantagens da Marinha. Não possuímos água encanada e nem rede de esgoto/saneamento básico. Através da falta dessas políticas públicas, algumas mães perderam seus filhos (uma dessas chegou a perder 07 filhos).

Não possuímos também iluminação pública e isso acarreta diversas ondas de violências em nosso território, mas todos os meses é cobrado diretamente em nossa conta de energia elétrica (conseguimos através do programa Luz para todos em 2017).

Temos alguns idosos na comunidade e muitas pessoas com doenças graves, já pedimos ajuda em diversos órgãos e instâncias do governo (municipal e estadual) e até o dia de hoje não tivemos resposta, existe um abandono total e um descaso com o nosso povo.

Necessitamos urgentemente da construção de um posto de saúde dentro do nosso território, posto esse que vai até as comunidades vizinhas do nosso território.

Vivemos em situações precárias.

VIOLÊNCIAS:

Já nos proibiram de estudar, de plantar e termos a nossa liberdade de vida. Derrubaram vários de nossos terreiros de candomblé, casas de farinha e até mesmo as nossas residências. Já tivemos pessoas amarradas de cordas e arrastadas por toda a comunidade, pessoas espancadas e torturadas fisicamente e psicologicamente. Estupravam as mulheres da nossa comunidade, matavam diversos dos nossos e jogavam dentro da barragem que é o nosso rio, quando o Nina vinha buscar os corpos eles pediam para colocar no laudo que a morte foi por afogamento. Em 2009 recebemos uma ordem de despejo e através disso fomos pedir socorro e fizemos várias mobilizações. Tivemos várias perdas de pessoas na nossa comunidade através da luta, entre elas alguns idosos que infartaram.

No dia 06 de janeiro de 2014, Rose Meire dos Santos Silva, seu irmão Edinei Messias e suas 2 filhas, foram torturados, espancados e amarrados com fio em frente à Vila Naval da Barragem, por estarem voltando para as suas residências que são dentro da comunidade. Nossa entrada e saída é por dentro dessa Vila Militar. Em 2015 perdemos Edgar Messias, ele não resistiu às violências e pressões e teve um infarto fulminante. Algumas famílias foram obrigadas a sair de dentro do território, mas ainda existem muitas que lutam. Até os dias de hoje somos perseguidas (os) por carros e pessoas armadas, nossos filhos são perseguidos nos colégios, muitos desistiram de frequentar as aulas. Pessoas andam pelo fundo das nossas casas durante o dia e principalmente à noite.

Em 2018 durante a ida ao Ministério Público Federal para realização de uma audiência pública, dois homens aparentemente armados, estavam em uma moto perseguindo o carro que Rose Meire tem costume de sair. Por sorte tínhamos conseguido um ônibus para levar as pessoas da comunidade e ela foi junto. Os militares da Marinha já atiraram contra um senhor de idade também morador do nosso território.

Durante todo este tempo, o racismo e a violência institucional sempre estiveram presentes no cotidiano da comunidade, que vive marcada pelo terrorismo do Estado, com mortes, agressões, estupros, expulsões de moradores, derrubada de moradias, saque e destruição de pequenas lavouras para subsistência, cerceamento da liberdade de locomoção, além da negação do acesso às políticas públicas fundamentais para garantia da nossa dignidade.

Em 2019 um dos idosos da comunidade, José Isídio Dias conhecido como Seu Vermelho, 89 anos, foi brutalmente assassinado dentro da sua própria residência que fica na comunidade. Ele pediu ajuda para diversas pessoas, mas não teve ajuda, a todo o momento ele falava que seria assassinado dentro de casa pois estava sofrendo diversas ameaças., registrou Boletim de Ocorrência na delegacia do município, mas nada foi feito. Ele também havia relatado que outras pessoas da comunidade também seriam assassinadas.

Seu Vermelho teve seu rosto completamente deformado, suas pernas quebradas e diversos hematomas no corpo. Ele era uma das pessoas que fortalecia e servia de exemplo para diversas

peessoas da comunidade, plantava e colhia, sua vida era completamente voltada para o cultivo de sua roça.

Em maio de 2021 também foi encontrado no nosso território o corpo do jovem Pedro Henrique, morto a pauladas indo para a sua residência. Até hoje não sabemos quem efetivou esse crime e esses casos seguem sem nenhuma resposta das autoridades.

Hoje a família de seu Vermelho se encontra ameaçada e sem poder ter acesso a casa dele. As famílias do território estão pedindo ajuda, pois durante a noite estão sendo torturadas, pessoas rondam as residências, já chegaram a ver armas apontadas nos buracos de suas casas, pois algumas casas do território são feitas de barro/madeira. Através dessas violências as famílias do território tiveram que sair de suas casas por medo de serem assassinadas.

Recentemente em 2022, foi localizada uma bala de arma de fogo dentro do quarto de uma das idosas do nosso território, bala esta que foi direcionada diretamente para o quarto da mesma, perfurando o seu telhado. Antes de ser localizada havíamos escutado dois tiros, após isso concluímos que foram direcionados para casa dela.

Precisamos de segurança urgentemente dentro e fora do nosso território para que outras pessoas não sejam encontradas como seu Vermelho e Pedro Henrique, pois existem diversas lideranças que são ameaçadas diretamente.

Temos um pedaço do nosso território já titulado, mas sabemos que não se é necessária uma titulação para termos acesso a políticas públicas e outros direitos.

Já tivemos diversas reuniões e fizemos várias denúncias aos órgãos e secretarias, a CIDH fez uma carta de recomendação para o Brasil referente a situação do nosso território, mas até os dias de hoje nada foi feito.

<https://youtu.be/IgCPZPn4P5E> << Link vídeo violência sofrida em 2014.

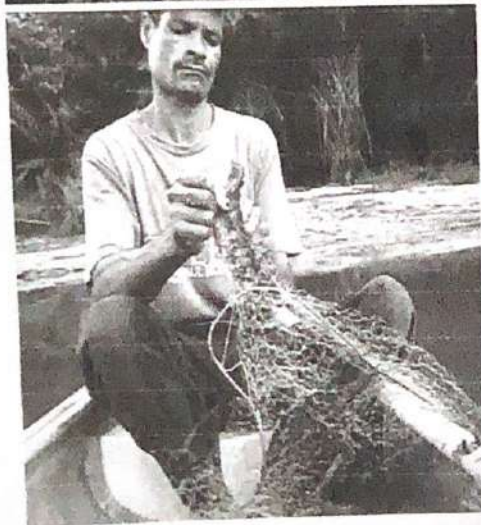
PEDIMOS SOCORRO!!

Francieli dos Santos Silva - coordenadora
Graciela de Souza Oliveira dos Santos
Rose Meire dos Santos Silva

ESTRADAS TERRITÓRIO



NOSSA PESCA E BUSCA DE ÁGUA EM NOSSOS RIOS E FONTES



SITUAÇÃO DAS NOSSAS RESIDÊNCIAS

